

PEDRO CALMON

História do Brasil
Século XX ♦ A República
e o desenvolvimento nacional

Apresentação
Thomas Giulliano



Sumário

Apresentação — Thomas Giulliano	17
I - NOVEMBRO DE 1889	
Realismo... ..	31
... e mudança.....	32
II - A ADESÃO DAS PROVÍNCIAS	
No dia seguinte.....	35
Em São Paulo.....	36
Na Bahia.....	37
No Norte	38
No Sul	38
No Rio Grande.....	39
A bandeira	40
O reconhecimento	40
III - A DITADURA	
Os ministros	43
Primeiras dificuldades	43
Generalíssimo	44
Ditadura e democracia	44
Mão férrea.....	45
A crise financeira.....	46
IV - A ORGANIZAÇÃO DO REGIME	
Novas leis.....	49
Encilhamento.....	50
Reestruturação.....	50
A Constituinte	52
A Constituição.....	52

V - O GOLPE DE ESTADO

Dissolução.....	55
Lucena	55
Definições.....	56
Nos estados.....	57
O conflito dos poderes	58
O governo contra o Congresso.....	59
O levante inicial.....	60
Dois almirantes.....	60

VI - O MARECHAL DE FERRO

Floriano	63
Derrubada.....	64
O processo... ..	64
De Norte a Sul.....	65
Paraná e Mato Grosso	66
Sebastianismo	67
Agitações.....	68
Controvérsia.....	69
Ditadura	70

VII - O SUL EM ARMAS

Forças inconciliáveis.....	73
A luta	74
Restauração?	75
Ilusão americana	76
Rompimento.....	76
Turbilhão	77
O encontro decisivo	78
Gumercindo.....	79
Aventura de Wandenkolk.....	80

VIII - REVOLUÇÃO DA MARINHA

Antecedentes da insurreição	81
-----------------------------------	----

Consulta à nação.....	82
Intervenção estrangeira	83
O fracasso da revolta.....	84
Choque de idéias.....	85
Conquista do desterro.....	86
Do Rio Negro a Bagé.....	87
Ação de Custódio.....	88
 IX - A JORNADA REVOLUCIONÁRIA	
No planalto paranaense.....	89
A resistência da Lapa.....	90
 X - FIM DA LUTA	
A revolução condenada	93
O combate de 9 de fevereiro.....	93
Planos e insucessos.....	94
A capitulação	95
Conduta portuguesa	96
Repressão desatinada.....	97
 XI - O PRESIDENTE PACIFICADOR	
Candidato civil	101
Enigma	101
Antítese.....	102
A anistia.....	103
O fim de Gumercindo.....	104
Aparício Saraiva	105
Como acabou Saldanha	106
 XII - QUATRIÊNIO TEMPESTUOSO	
A paz interna.....	109
Resposta jacobina.....	110
Manuel Vitorino	111
O fanático e o meio.....	111
Canudos.....	113

XIII - BRASIL BÁRBARO

Psicose de fim de século	115
Expedições destroçadas	116
Os melindres da autonomia	116
Major Febrônio	117
Moreira César	118
Represália.....	120
A volta do presidente.....	122
A vitória do governo.....	122
Presidencialismo.....	124

XIV - A EPOPÉIA DOS SERTÕES

Artur Oscar	125
Deposição do governador?.....	126
A quarta expedição	126
A dura guerra	127
Êxito incompleto.....	128
Reforços.....	128
Epílogo.....	129
Fogo e sangue	130
A grave lição.....	131

XV - DESORDEM E AUTORIDADE

Extremos criminosos.....	133
O atentado	133
Responsáveis	135
Intolerância	136
A tranqüila sucessão	137

XVI - O GOVERNO DE CAMPOS SALES

O problema das finanças.....	139
Era nova.....	140
Política dos governadores	141
Oposição.....	142

XVII - AS QUESTÕES INTERNACIONAIS

Rio Branco.....	143
Litígio das missões	143
A Ilha da Trindade.....	145
Questão do Amapá	146

XVIII - PLENITUDE DO PRESIDENCIALISMO

Regeneração financeira.....	149
Código Civil.....	149
Unanimidade.....	150
A dissidência	152
Outro paulista.....	152

XIX - DIPLOMACIA

Sob o signo da paz	155
A questão da Guiana.....	156
Sentença arbitral	157

XX - A INCORPORAÇÃO DO ACRE

A borracha	159
A “linha verde”	159
Protesto e demarcação.....	160
Aventura	161
Plácido de Castro	163
A ação brasileira	164
Tratado de Petrópolis	165

XXI - O GOVERNO DE RODRIGUES ALVES

Gente antiga	167
Vida nova.....	168
O Prefeito Passos.....	168
Oswaldo Cruz.....	169
Contra a vacina.....	170
A Revolta de Travassos	171
Venceu o progresso.....	173

XXII - CIVILIZAÇÃO MODERNA

Novas cidades	175
O novo Rio	176

XXIII - ÉPOCA DE PROGRESSO

O bloco	179
Sucessos de Mato Grosso	180
Convênio de Taubaté	181
A forte diplomacia.....	182
Questões terminais.....	183
Pan-americanismo.....	184

XXIV - A ADMINISTRAÇÃO DE AFONSO PENA

Acima dos grupos.....	187
Estradas	188
A Paz de Haia	189
Fortalecer para subsistir	190
Vozes guerreiras	191

XXV - A CAMPANHA CIVILISTA

História repetida	195
O fulgor da espada.....	195
Nilo Peçanha	197
Rui Barbosa	197
Significado da luta	198

XXVI - O PERÍODO INQUIETO

Recomeça a desordem	201
Amotinam-se os marinheiros	202
“Salvações”	203
No estado do Rio	204
Ali e acolá	204
Bombardeio.....	205
As conseqüências.....	207
Rio Grande e São Paulo	208

Ceará e o Pe. Cícero.....	210
Conseqüências	211
XXVII - CAUDILHO E OLIGARQUIA	
Resistência triunfante.....	213
Prudência e firmeza.....	214
O fim de um chefe	215
XXVIII - O EPISÓDIO DO CONTESTADO	
Outro caso de fronteiras.....	219
Monges e bandidos	220
O acordo.....	221
XXIX - A GRANDE GUERRA	
Realidade universal	223
Neutralidade e indignação	223
Marcha para a intervenção	225
Em guerra	226
Política patriótica	227
Última epidemia	227
As agitações sindicais	228
XXX - UM PRESIDENTE DO NORTE	
De Minas a São Paulo.....	229
Campanha presidencial de 1919	230
Quando aparece a democracia social	231
Epitácio Pessoa.....	232
Na velha Bahia.....	232
Ao clarão das festas	233
XXXI - “HAJA O QUE HOVER...”	
Reação republicana	237
O fator militar	237
A causa regional	239
5 de julho.....	239
O centenário	240

XXXII - INTRANSIGÊNCIA E REPRESSÃO

Governo inabalável	243
Desmonte.....	243
A rebelião no Sul.....	244
Reviravolta.....	246
Novamente a sedição.....	246
Sublevação em São Paulo	247

XXXIII - INTRANQUILIDADE

Revolução volante	251
Coluna-fantasma.....	252
Estado de sítio.....	253
Reforma constitucional	254

XXXIV - EPÍLOGO DA “REPÚBLICA VELHA”

Washington Luís.....	257
Estradas e moeda	257
A volta dos partidos.....	258
Entre Minas e o Sul	259
Candidato gaúcho.....	260
Aliança Liberal.....	262
Crise generalizada	262
Paraíba em fogo	264
Para o prélio das armas	266
O terrível imprevisto	267

XXXV - A REVOLUÇÃO DE 1930

De Sul a Norte.....	269
Em Minas Gerais.....	270
No Nordeste	271
Proporções da luta.....	272
A queda da legalidade	272

XXXVI - A NOVA REPÚBLICA

Ditadura... e programa.....	275
Plenos poderes.....	275

Grupos e correntes	276
O caso paulista.....	277
O povo nas ruas.....	278
Separação de forças	278
Código eleitoral	279

XXXVII - O MOVIMENTO CONSTITUCIONALISTA

9 de julho.....	281
História repetida.....	282
A dura resistência	283
Conseqüências	283
A volta à lei	284
A Constituinte de 1933	285

XXXVIII - A TERCEIRA CONSTITUIÇÃO

O novo diploma.....	287
Social-democracia	288
Presidente constitucional.....	289
Entre as extremas	290
1935	290
Mais forte o governo	292
A atmosfera internacional.....	292

XXXIX - O ESTADO NOVO

Transição para o golpe... ..	295
1937	295
Estado Novo	297
A Carta outorgada.....	298
Linhas doutrinárias.....	299
Contra os extremos	299
Legislação social.....	301

XL - NA SEGUNDA GRANDE GUERRA

Posição internacional.....	303
Neutralidade e escusa.....	304

Compromissos continentais	304
Condições militares	305
Em favor da América	306
Depois de Pearl Harbor.....	306
A guerra inclemente	307
O ataque inopinado	307
O trampolim de Natal	308
Silenciou a política	309
Mobilização e compromissos.....	310
Brasileiros na Europa	310
O contingente expedicionário	311
A marcha da F. E. B.	312

XLI - RECONSTITUCIONALIZAÇÃO

Outra Era.....	315
Os partidos	316
Outubro de 1945	316
Governo Dutra	318
1950	319
1954	320
O governo de Café Filho.....	321
Transição	323
O desenvolvimento	324
Mudança.....	324

XLII - A VIDA ECONÔMICA

Correntes humanas	327
Transportes	328
Aviação	329
Produção.....	330
O café.....	330
Açúcar e fumo	332
Algodão	333
Borracha	333
Cacau.....	334

Criação da indústria.....	334
Siderurgia.....	336
Energia e combustível	337

XLIII - PANORAMA DA CULTURA BRASILEIRA

O problema intelectual.....	339
Poesia.....	339
Escritores	341
<i>Sertões</i>	342
A Academia.....	343
Machado e seu tempo	344
A grande insatisfação	345
Geração de 1922.....	346
Filólogos	347
Teatro	347
História.....	348
Direito	352
Medicina.....	353
Ciências naturais.....	355
Marcha das idéias.....	356
Farias Brito	358
O problema social	359
Pesquisa	360
Engenheiros	360
Arquitetos	361
Artes: pintores.....	362
Escultores.....	364
Educação	364
Correntes modernas.....	365

Nota	369
-------------------	-----

Bibliografia	371
---------------------------	-----

Índice remissivo	445
-------------------------------	-----

APRESENTAÇÃO

Pedro Calmon não merecia, não merece e não merecerá nunca o desprezo

A sociedade brasileira, como uma paisagem, é um sistema cuja estrutura e evolução são determinadas por múltiplos fatores. Considerá-los na indissociável coesão que os une é fundamental se quisermos compreender o funcionamento da história nacional. Historicamente, não somos órfãos de pais desconhecidos. A continuidade, que não significa indiferença aos dramas herdados, é uma consciência própria do homem. Diante do passado, temos a percepção de nossa individualidade e com a história compreendemos o que os homens foram, fizeram, conseguiram. Se sássemos da história, tombaríamos no nada. Pensá-la é vê-la no reino do possível.

Desde a invenção da escrita, o registro de experiências humanas informa que recebemos do passado um conjunto de valores, necessidades e crises. Da luz elétrica aos livros de Graciliano Ramos, sem ignorar a falta de saneamento básico pleno e a Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, o passado sempre deixa a sua herança. A História sempre lida com eventos que aconteceram em um tempo. Não é uma manipulação, mas o descobrimento de realidades próprias do passado, enquanto a historiografia, constituída como o campo privilegiado de recolha de materiais humanos, é o estudo das variações dos comportamentos dos homens do passado. Descortinar o passado é exprimir um diálogo explicativo, por meio das fontes históricas, acerca de eventos singulares e não mais existentes. O passado, enquanto conjunto descontínuo de fatos verdadeiros e mutilados, não é um ser, mas um cruzamento de itinerários. Sem a história, vemo-nos privados de falar das origens de que brotamos e que nos sustentam.

A pesquisa historiográfica, diametralmente oposta à ficção, transforma o passado em fenômeno do conhecimento e não se contenta com o interior das coisas, mas apreende, no seu exterior, o significado dado pelo homem. Dotada de um caráter temporalmente transcendente, é um lugar ontológico privilegiado, onde o homem pode viver e contemplar, através de personagens variadas, a plenitude da sua condição, transportando-se imaginariamente para outro tempo. O ato de explicar a substancialidade do passado não é somente o de unificar ou familiarizar a aparência com o aspecto de um grande princípio, ou a realização da condição autoconsciente e livre dos homens, mas é uma apreensão das realidades não dadas que se revela por meio do dado.

Toda pesquisa histórica anda sempre às voltas com a linha difusa entre resgatar a experiência daqueles que viveram os fatos, interpelar seu sentido e reconhecer nessa experiência seu caráter inconcluso. A historiografia examina o ponto do contato da palavra com a realidade concreta do objeto examinado. É um instrumento privilegiado de decifração do mundo. Encontrar o verdadeiro sentido das palavras contidas em um texto é tarefa que se impõe a qualquer historiador que deseja transformar em compreensão histórica o seu estado inicial de incompreensão semântica. Historiar é uma atividade intelectual, composta por tudo o que um historiador pode aprender: leituras e convivências, por idas e vindas entre os documentos, alocação de seus interesses intelectuais, um esforço de imaginação em fazer reviver o tempo estudado. Qualquer historiador, para produzir bons significados sobre um tempo irreversível, precisa de uma atenção constantemente voltada para os múltiplos objetos que exprimem os vestígios esparsos do passado.

O historiador que conhece os eventos apenas em sua ordem cronológica não descortina os indivíduos em meio aos fatos, mesmo que correspondentes à dimensão episódica da narrativa. Esse tipo de erro insere o heterogêneo psíquico em uma homogênea superestrutura psíquica. Enquanto a história é feita de acontecimentos, a historiografia é a tentativa de composição de certas totalidades temporais, extraídas do fluir histórico e firmadas num cálculo cronológico. Não chega a ser historiador aquele que simplesmente trabalha com afinco nos arquivos. Para o historiador, a determinação da veracidade de documentos é uma tarefa preliminar. Deve-se devolver o fato à sua totalidade em busca de uma compreensão da vida humana. A leitura de um documento é como conversar com um ser de papel. Pacientemente, o historiador faz perguntas que possibilitam a reflexão sobre as diferenças entre a realidade, o perceber e o imaginar da essência analisada. Seu pensamento reflexivo pertence, antes de tudo, às categorias do pensamento comparativo, no qual, cada fonte histórica, com seus diferentes tipos, representa um universo aberto onde o seu intérprete pode descobrir infinitas interconexões. No presente e no passado, ser historiador sempre exigiu erudição e sensibilidade no tratamento de fontes. A alma dessa compreensão é forjada na luta que o pensamento conceptual do historiador estabelece contra o drama da palavra. Ao fazer mais que acatar o critério da evidência aparentemente imediata, o historiador percebe que em cada documento de uma mesma temporalidade há diferentes vozes.

Evitar conclusões apressadas ou rígidas é uma condição essencial para não transformar a especificidade do fato histórico em um acontecimento indistinto. As motivações morais implicadas nos fatos analisados podem ajudar a compreender a história, mas não são os objetos da explicação histórica. Há diferenças entre a história como fato e o registro escrito dos fatos. Fundada na diversidade dos homens e tempos históricos, a história não é um conhecimento de intenções, mas dos fatos livres realmente executados. O bom historiador não é um mero colecionador, mas um operário da verdade pretérita. Seus pensamentos e aspirações se dirigem à construção humana sobre a reflexão, sobre o saber. A história se dirige ao conhecimento da ação humana. A transformação desse depósito de múltiplas matérias-primas individuais em uma estrutura lógica é um dos ofícios dos historiadores. Descobrir realidades próprias do

passado, constituídas enquanto resultados das decisões dos homens concretos, requer esforço. Enquanto homens, somos hóspedes de um momento da história.

A história integra a existência humana através de uma reunião de passados, individuais ou coletivos. O fato histórico é a ação humana realizada singularmente no tempo. Por mais ampla que seja a causa histórica, a sua recepção é sempre individual. Como escreveu Ortega y Gasset: “Eu sou eu e minha circunstância, e se não salvo a ela, não me salvo a mim”. Originalmente, o sujeito da história é o indivíduo, que, por sua essência *sociālis*, engaja-se em totalidades coletivas detentoras de vínculos que aproximam os homens na realização de projetos de vida. Do trabalho corporativo à família, exemplos não faltam para enfatizar que o vínculo social permeia a história. Inescapavelmente, tupinambá ou esquimó, o homem nasce no seio de uma sociedade e faz sua vida em seu meio. Do mais remoto núcleo familiar ao mais abrangente tema global, é sempre inimaginável um fato histórico que não seja também social. Evidenciar a especificidade humana em nada invalida a certeza de que o indivíduo é meio e instrumento da história.

A verdade existe, inclusive nesses tempos em que o rigor intelectual passa longe de ser difundido. Afirmar a sua existência é uma condição para o desenvolvimento de qualquer pesquisa historiográfica. A questão da verdade na história é capital. Se não há certeza, não há verdade; nem o mínimo de coesão social. Fora da verdade, nada pode ser verdadeiro. Abandoná-la leva ao nada. Se cada um tem a sua verdade, por que não posso afirmar que Machado de Assis foi um hipopótamo membro da Al-Qaeda?

O que perguntei é incognoscível porque desarticula a consciência natural do mundo fenomênico e a ordem do conhecimento. Na nossa consciência, ordenamos e elaboramos o material sensível em relação às formas *a priori* da intuição e do entendimento. A nossa convicção da realidade de que Machado de Assis não era um hipopótamo é o resultado da soma de um raciocínio lógico com a vivência imediata numa experiência da realidade. O conhecimento consiste em forjar uma imagem do objeto; e a verdade do conhecimento é a concordância desta imagem com o objeto. Nem tudo é questão de ponto de vista. Na história, há divisão entre os objetos reais e ideais; é real tudo o que nos é dado pela experiência histórica. Para o realista, o verdadeiro existe fora e independentemente da nossa consciência, enquanto para o idealista o verdadeiro não existe pura e simplesmente, mas necessita ser concebido.

Na generalidade nada mais representativo do que a cegueira. A impossibilidade de esgotamento da verdade é tomada como prova de sua inexistência, e a subordinação dela à vontade para tirar a limpo convenções entendidas como arbitrárias é confundida com negação da unidade entre o pensamento subjetivo e o objetivo. Nessa babel, impregnada de idealismo lingüístico, além dos problemas hermenêuticos, deve-se levar em conta as conseqüências dessa predisposição para se multiplicar uma importância pessoal. Esse idealismo reduz o ser das coisas percebidas e distingue o dado da percepção e a própria percepção. Suprimida a realidade aparente, sustenta a tese de que não há coisas reais, independentes da consciência.

Sucessão e dimensão episódica indicam a ordem dos acontecimentos; totalidade temporal e seqüências de enunciados indicam a ordem do discurso. O passado pos-